

Oh bairro de São José
pedaço da minha infância,
das tuas ruas tão tristes
somente uma rua triste
entre as ruas da cidade
(a rua das Águas Verdes)
não há de trocar de nome.

Nesta altura já percebo
toda a cidade submersa
pelo qual já não me sobra
mais a razão de viver.

Subo à tona onde me ferem
as flechas da madrugada
que vem surgindo do mar.
Nem as copas das palmeira
Emergem do lençol d'água
e apenas se vê no extremo
alguns dos montes de Olinda.

Respiro profundamente
o ar frio da manhã fria,
e como um peixe me afogo
no ar que agora me sufoca,
e morro dessa asfixia
na mansa luz da manhã.

Recife, janeiro de 1958.

PASSAPORTE

1964 / 1979

2ª edição

Para

Luci, minha mulher

André

Luci-Ana

Milena

Andréa

e

Ladjane,

meus filhos

perdão Lorca pelo verde oliva
pelo verde química e de ensaio
pela minha geração cobaia
pelo verde bélico arranhando
fimose e cancros moles e duros
por este verde escuro de março
e seco de seiva e clorofila
perdão pelo verde elaborado
pela esperança verde e tardia
que passou neste canto sem armas

A. T.

tarde de abril de 1964.

Nota Biobibliográfica

ARNALDO TOBIAS, poeta da "Geração 65", pertenceu a Marinha e conheceu muitos mares. É um dos representantes da poesia visual, uma poesia cuja tradição se embasa na Antologia Grega, passando pela Idade Média e os mestres do Barroco como estilo histórico; seguindo de perto, no século XX, o "último futurismo" do italiano Carlo Belloli, onde a poesia concreta já se manifesta em seus livros de 1944-1948; pelo "letrismo" de Isidore Isou, autor do "Manifeste de la poésie lettriste", como descreve no prefácio de seu livro *21 poetas alemanes*, Felipe Boso, publicado em dois volumes na *Colección Visor de Poesia*, Madrid, 1980. Arnaldo Tobias também deve ser citado quando se estuda a poesia visual, ou os poemas concretistas, dos teuto-suíços e austríacos Gomringer, Ernst Jandl, Mon, poetas que sofreram influências de e.e.cummings, Joyce, Warhol, bem relacionados aos alemães, assim como aos concretistas de São Paulo (e não devemos pensar apenas em Pignatari, Augusto e o grande Haroldo de Campos) todos influenciados por Pound, Moore, cummings, e Stein, segundo a opinião de Boso, com quem concordamos. Arnaldo Tobias foi, também, *designer*, editor de publicações alternativas, tais como o jornalzinho *Pró-Texto*. Viveu *humilde e sem glória*, "preso a trágicos deveres"). Nasceu em Bonito, Pernambuco. Seus principais livros são *Passaporte* (1981), *Nu Relato*, pelas Edições Pirata; *Tenda Proibida*, pelas Edições Sagitário; *O Ditador e Outros Contos*, pela Nordestal Editora, em 1992. No âmbito da literatura infantil: *Quem Sou Eu*, *O Gavião e a Coruja* e o *Ratinho Órfão*. Participou de várias antologias: *Álbum do Recife*, em homenagem ao 450 anos da cidade, organizada por Jaci Bezerra e Sylvia Pontual; *Contos de Pernambuco*, de Cyl Gallindo; *Poesia Viva do Recife*, por Juhareiz Correya. O editor Glauco Guimarães, com a morte do poeta em 2002, organizou um livro em sua homenagem, *Arnaldo Tobias: Singular & Plural*, obra que permite uma visão de sua importância, como poeta, no panorama da literatura brasileira contemporânea. - CL

Prefácio

ARNALDO TOBIAS

(Breve nota explicativa sobre a Geração 65)

ARNALDO TOBIAS, falecido em 2002, era um dos integrantes da "Geração 65", movimento literário lançado quando assumi a direção das páginas literárias do Diário de Pernambuco, no início da década de 60. É claro que antes, os periódicos do Recife - Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio - dispunham de grandes espaços dedicados a escritores e artistas em geral. Mauro Mota dirigia o suplemento literário do DP, onde divulgou quase todos os autores nordestinos da chamada "Geração de 45". No Jornal do Commercio, muitos, também, eram lançados por Esmaragdo Marroquim. Esmaragdo exercia suas ações culturais através de outros escritores, nem sempre integrantes da equipe da redação. Na realidade, era ele quem comandava tudo: lançava novos e velhos sem preocupações com "movimentos" ou problemas geracionais. Esmaragdo era uma grande figura humana, mas não tinha ambições literárias. No Diário de Pernambuco, era Mauro Mota, bom poeta, quem dirigia o Suplemento, mais aberto à "Geração de 45". Os novos apareciam eventualmente.

Em 1960, Mauro Mota afastou-se da direção do jornal e o suplemento acabou-se. Foi quando Antônio Camelo, diretor de redação, aconselhado por Antiógenes Chaves, resolveu manter uma coluna diária sobre literatura. Anos antes, Antiógenes Chaves, ao redigir com Nehemias Gueiros, os Estatutos dos Diários Associados, Assis Chateaubriand lhes recomendara incluir dispositivo nesse documento, onde ficasse claramente expresso que todos os jornais dos "Diários Associados" deviam ter um Suplemento Literário. Agora, em 1960, Antiógenes Chaves julgava que essa tradição não devia ser interrompida. Para escrever a coluna literária, após a saída do Mauro Mota, fui indicado pelo Camelo. Aceitei, sob certas condições, inclusive a imposição de

uma linha editorial que refletisse o "novo", tal como aparecia no Brasil e no mundo. Depois do golpe militar de 64, Antônio Camelo ampliou a coluna para uma página inteira, que apareceu no início de agosto de 1964. Minha atividade, com apoio de Brennand, Ariano, João Câmara, Tomás Seixas, tornou-se fácil. Naquela época, antes de ingressar na Universidade, eu já colaborava em revistas universitárias norte-americanas.

Apresentei ao Camelo uma série de recomendações, inclusive a da renovação da poesia e da crítica, abrindo, também, amplos espaços para as artes plásticas. Foi assim que naquela época a literatura ganhou mais três páginas. Na coluna "Informações", não assinada, escrevi sobre essa nova orientação. Os colaboradores iniciais nos meados da década de 60, foram os veteranos Ariano Suassuna, Reynaldo Fonseca, Francisco Brennand, Deborah Brennand, Aloísio Magalhães, Tomás Seixas. Um dia, no "Engenho São Francisco", residência do pintor Francisco Brennand, onde nos reuníamos aos domingos durante mais de 20 anos, Ariano Suassuna deu nome ao nosso grupo: "Academia dos Emparedados". Eventualmente, apareciam nessas reuniões, Paulo Fernando Craveiro e Léa, sua mulher. Também Renato Carneiro Campos, Aloísio Magalhães e outros. Para fazer crítica de arte, convidei João Câmara que passou a assinar, por mais de um ano, uma coluna sobre artes plásticas, especialmente pintura. Foi estimulado por essa abertura no *Diário* que surgiu, em 1966, o "Grupo de Jaboatão" constituído por Jaci Bezerra, Alberto da Cunha Melo, Domingos Alexandre, e José Luís de Almeida Melo. Esse Grupo nunca esteve no "Engenho São Francisco".

Depois de lançado pelo *Diário*, fui publicando seus trabalhos nesta revista, após conversar com Newton Sucupira, diretor de *Estudos*, que se entusiasmou com a idéia. Passei a publicar os "novos" que iam aparecendo, agora não apenas os de Jaboatão, mas qualquer um que tivesse algo de valor a ser divulgado. A "São Francisco" levei, em diferentes ocasiões, Joaquim Cardozo e João Cabral de Melo Neto. Em relação aos novos, publiquei mais de 30 livros: Lula Cortes, Paulo Chaves, Luís Soler, Fernando Monteiro, José Rodrigues de Paiva, Joel Pontes, Jorge Wanderley. Apareceram muitos, mas os limites da revista não permitiam ir além de um certo número de autores,

alguns nem mesmo selecionados por mim, mas indicados por amigos meus, da Universidade. O Departamento de Extensão Cultural, naquela época, era uma super-Pró-Reitoria: comandado por Newton Sucupira, Hermilo Borba Filho, eu e Leda Alves. Ficavam sob nossa responsabilidade a *Imprensa Universitária*, a *Biblioteca Central*, a *Rádio Universitária*, o *Jornal Universitário*, fundado por mim, e a revista *Estudos Universitários*, idealizada por Paulo Freire e Luís Costa Lima, quando era reitor o Prof. João Alfredo da Costa Lima.

Em 1965, na nova administração, fui nomeado editor de *Estudos Universitários*, e logo providenciei para que ela fosse distribuída nas principais Universidades do mundo, de onde passei a receber colaboração, inclusive de cientistas espaciais da Alemanha e de professores de várias universidades norte-americanas. Nela comecei a editar os jovens. O Editor tinha autoridade para aceitar ou não essas colaborações, mesmo quando indicadas pelo próprio Reitor, possibilitando, assim, executar o seu programa. *Estudos Universitários* não era uma revista estadual. Era e é internacional. Não se trata de uma publicação qualquer, como têm julgado alguns de seus colaboradores. Foi julgada pelos adidos culturais junto às Embaixadas, em Brasília, como a melhor revista de cultura do País, em 1974, fato comunicado ao ex-reitor Marcionilo Lins.

Em 1967, o prof. Tadeu Rocha, ao escrever trabalho para uma guia do Recife, falou na poesia desses jovens que publicavam no *Diário de Pernambuco*. Ele afirmou nessa introdução do Guia que já se podia falar em uma nova geração de escritores: a "Geração 65". O Professor Tadeu Rocha desconhecia a coordenação que havia entre o jornal, a revista *Estudos* e o Projeto que estava sendo elaborado por mim visando a implantação do Programa de Pós-Graduação em Teoria e Linguística, no Centro de Artes.

A denominação de "Geração 65" pegou e, agora, todos podiam ser chamados integrantes dessa geração que, segundo o Professor Edson Nery da Fonseca, tem em Jaci Bezerra o seu maior poeta. Com desdobramento inteiramente autônomo, Jaci Bezerra, Alberto da Cunha Melo, e muitos outros, com a colaboração de Fernando Freyre, do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, criaram as *Edições Pirata*. Eles lançaram mais de 300 títulos.

Muitos "novos" foram divulgados. Um desses era o jovem Arnaldo Tobias, poeta de grande talento. Para seus fins específicos, e, também, pensando em aperfeiçoar o trabalho desses jovens muitos dos quais viriam a ser docentes da UFPE, foi que fundei o Programa de Pós-Graduação em Letras no Centro de Artes, nos níveis de mestrado e doutorado. Muitos dessa Geração procuraram os programas, considerados pelos consultores da CAPES e do CNPq como um dos dez melhores do Brasil. Hoje, temos mais de 150 mestres e doutores pós-graduados, por esse Programa, que ocupou grande parte do tempo que reservara às minhas próprias atividades como escritor.

Jaci Bezerra, foi um dos Editores de Arnaldo Tobias, pela "Pirata" e continua, agora, como o curador - que curador! - de seu espólio literário. Jaci Bezerra é uma figura humana enorme e muito maior poeta; organizou em um volume toda poesia de Arnaldo, a ser lançada, possivelmente, ainda este ano.

Dirigida pelo Professor George Browne Rego, a Editoria de *Estudos Universitários* que nunca publicou trabalhos de Arnaldo Tobias, solicitou a Jaci Bezerra um texto de A.T., se possível um de seus primeiros livros. E foi atendida. Este livro - *Passaporte* - como se diz na apresentação dos colaboradores deste volume de *Estudos*, é uma das obras mais representativas da "Geração 65", e não apenas isso: ele representa a tendência de toda a poesia brasileira nova, escrita nos últimos 10 anos, o que significa ser um antecipado. As gerações mais novas o consideram um dos seus melhores representantes. Graças a Arnaldo Tobias tive a oportunidade de dar este depoimento, apenas um fragmento do que tenho documentado sobre este Grupo de escritores. Um dia as melhores mentes do Brasil irão ocupar-se deles como sempre acontece em todas as culturas.

Recife, maio de 2003
César Leal
Editor

FLASHES DE UMA REVOLUÇÃO SEM BALAS

verdes tanques
verdes boinas
verdes praças
verdes margens

verde verde
verde tempo
esperança verde
no meu país

tíbias em transe
- veras verdes
tíbias em trânsito
galopando verdes

trançadas tíbias
nos cadarços
transito verde
nos olhos cachos

baionetas caladas
na 13 de maio
fiéis ensarilhadas
rosa em desmaio

- agüenta os cadarços
fiel recruta
aqui a tua mãe
não os ensinava

água corrente
dos rios faixas
desarmados recrutas
armados crustáceos

linha líquida
barrenta água
água-mãe limpa
do beberibe

só então sombras
feito trombas
verdes sombras
no aquário

- êia aí recruta
o civil te passa
te ultrapassa
os canos das botas

na cintura o cantil
já se deu sombra?
quantas raias a ina?
aqui já foi parede

largo verde
arco íris
largo arco
verde íris

rubras papoulas
jardins verdes
uns de ceroula
outros com sede

31 de março
no sul do céu
serra de capinheiro
cortando o véu

tanques carapaças
carapaças e crustáceos
óleo sobre água
verdeando a massa

(numa ordem de comando
um rrr-tá-tá da esquina
e um abstrato afresco
no sol da vitrina)

trançadas tíbias
nos cadarços
transito verde
nos olhos cachos

tenente o tempo
tenente amado:
o acampamento
aonde armado?

só nos olhos
o gatilho
frases secas
mordendo os calos

(e o trânsito
desviado em rotas
e o fio elétrico
sobre os sapatos)

linha líquida
barrenta água
água-mãe longe
do capibaribe)

crustáceos em locas
caranguejos e cópulas
onde o meu pasto
e essa vida oca?

verde verde
verde lua
cocos verdes
branca areia

verde verde
verde verde
verde verde
verde verde

(tempo duro
dita vida
dura vida
arma/dura)

chamas verdes
verde chamaste
ouço tanto verdi
e não tenho arte

ah milena disse
que arames farpados
também existem
no vasto silêncio

31 de março
no sul do céu
serra de capinheiro
cortando o véu

campo verde
verde salto
paralelos trilhos
sob o asfalto

ladrilhos queijos
suburbano ladrir
para onde o partir?
privada mata azulejo

trilho a vida
verde trilho
componho a ida
e não o gatilho

o recife em Amazônia
emboscando-se em verde
longes cachos da begônia
salamandras em rede

- êia aí recruta
o civil te passa
te ultrapassa
os canos das botas

tempo vargem
vagem espera
(verde era o mar)
e tudo o que era

e mais veloz era
o olho do cão
as juntas do chão
caindo velozes.

verde verde verde
queremos verde
verde da mata
não o verde que mata

Tarde de abril de 1964.

CARTA UM

poeta meu
camarada
aconteceu
a alvorada

estou sem amada
e tudo e tudo
e mais nada
velho surdo

(só não mudo
de opinião
e de razão)

poeta meu
camarada
vou à pasárgada

1964

CARTA DOIS

poeta d'agora
te levanta
e canta
já é hora

arranca
fora
a tranca
e argola

espora
(no atalho)
o cavalo

cobre o vento
e o tempo
vai embora

1968

CARTA TRÊS

a Almir Castro Barros

poeta da/
nação
pinta
de cal

e noite
e de vidro
inventa
a manhã

para que
se possa ver
Luísa

levando
na boca a rosa
dos ventos

1969

CARTA QUATRO

poeta doa
a tua voz
mais longe
que a minha

o meu canto
é bucólico
o teu é vasto
e rebelde

doa poeta
no teu verso
(universo)

a palavra
de sangue
universal

1970

CARTA CINCO

a Alberto Cunha Melo

meu Alberto
a Marilu
me escreve
do exílio

"ah meu poeta
há pássaros
aqui no pátio
e o Chile se abre

com suas asas.
aí os pardais
ainda emigram?

1971

CARTA SEIS (de Marilu)

"em Santiago
há uma lua
que afago
e me deixa nua:

na praia do Pina
e de Piedade
ah que claridade
los ojos de la ñina

del Santiago
ó poeta mio
aí já veio o estio?

o sol é largo?
y los ñinos
nossos pequeniños?"

1972

CARTA SETE (UMA DATA)

31 de março
(a lua sob o céu)
não tenho pés
sobre a terra

e nenhuma guerra
no meu largo
peito aberto
aberto aberto

1º de abril
(o céu sobre a lua)
e Marilu comigo

aberta e larga
mordendo a fruta
de nossa safra

1964

CARTA OITO

há uma trave
no seu olho
não pague logo
o oftalmologista

ou uma espinha
na sua garganta
não corra já
ao laringologista

arranque a trave
será ela a cumeeira
ou o início da nave

sobre a espinha
desencrave-a inteira
por sabre sem bainha

1973

CARTA NOVE

Sátira do Siri

você às vezes fica
feito siri na lata
fica tiririca
e se se armar não mata

você é só tenaz
desenho animado
mesmo armado
para luta não se faz

você é da panela
e se a coisa esquenta
fica logo corado

cai sempre em esparrela
e assim se arrebeta
e quebra o costado

CARTA DEZ

(réquiem p/ EDGAR J. HOOVER)

bebo uma coca-
cólica e (como
o herói superman)
arroto o Tio Sam

aí rui o Empire
State Building
e apaga-se a tocha
da liberdade

na prisão de Sing-Sing
e de San Quentin
levanta-se o motim:

são Bonnie & Clyde
Dillinger e Al Capone
a clã clamando.

1975

CARTA ONZE (OUTRA DATA)

a praça
era um aro
no faro
dos praças

era a ordem
do cerco
e a hora
do acerto

de fivelas
e ilhóis
no aperto

era Marighella
no concerto
dos faróis

1976

CARTA DOZE (mais uma data) (Réquiem para o capitão Lamarca)

era a era
do pega
pra capar
e já

e era
escuro
o muro
de heras

e em cada
escama
das ramas

um réptil
se armava
e babava.

1978

ORAÇÃO PARA LEILA DINIZ

Leila nau nAVE ne/voa
va com os cabelos de lenda
sob crinas e relâmpagos
e eu boêmio dado aos tragos
nunca à cova do seu umbigo
cheguei por beber em cachos
o sal da sua nua agonia
e esses bares de Ipanema

onde canta Janaína
mar maresia menina

na asa da nAVE ou da névoa
na crina do pônei ou lá
na ilha da crina do mar
ou no cacho dos cabelos
de lenda de mãe e Iemanjá

Leila ainda ontem eu aprendia
sobre cipriotas e turcos
e o caso Nixon/Wartegate
mas o teu único escândalo
(neste país tropi/cal)
foi ser lenda fada e fábula

Leila Janaína Iemanjá
aqui o mar por perto está
e só o verde é que se alcança
de azul só se bebe a infância
salve salve mãe Iemanjá

1972

LUÁTICA

sob/e sobre
a minha pa-
lida dor

uma lua em
lua arada
vaga vaga

vaga a lume
e lume

ah és(fé
rico) orbe
cosmo
feito em PO
TENCIALidade.

1972

COMUNICAÇÃO

Para minha filha Milena

o poema está na estrada
para ser seguido
e ser decifrado
antes que amanheça

não será preciso
de violação
ele já era inscrito
antes dessas bússolas

o poema está na estrada
para ser erguido
para ser gritado
antes que anoiteça

PRE/fixo INTERNACIONAL (sem ONUs)

Z A P

Z P A

A P Z

A Z P

P Z A

P A Z

1972

POEMA OLHANDO UMA BANDEIRA

não espanta
o tigre
a sua cor
e garra
o que espanta
é o homem
o tigre
de tocaia
dentro dele

não espanta
o tigre
a cor da sua fúria
pois o sol
da pura aldrava
faz a porta
mais livre

não espanta
o tigre
a flor
na pupila acesa
o que espanta
é o homem
o domador
aqui feito em fera

Bahia/Goiás/Brasília - agosto/1971.

ANTELEGIATÔMICA

hirosima
nagasaki
anchitka &

4, 3, 2, 1

ZERO

(e agora
o peixe

anfíbio
nas lacustres
e marés

e o homem
bloco
cimentado

e a amásia
a amnésia
a amada

a miss
o míssil
a missa

a fauna
a flora
o fosso
fossilizados)

1971

EPÍGRAFE

Renato Carneiro Campos

fica claro
que o meu verso
se subverso
é cão e faro

é eco e corte
de lamina/
da lâmina
ágil e forte

é bandeira
rara e feita
à maneira
minha eleita

é portanto
minha canção
hóstia e grão
gaze e manto

linha d'água
luz de sabre
que se enxágua
quando se abre

1971

OFÉLIA NEGRA

pétalas de carvão
laminada
luz e larva noturna
sob os dedos
úmidos
dentro da calça
onde teus cabelos
pelos de limalhas
e luanda
entrançam medo
quando você acode
lírios nos olhos

ah Tereza
longe luares
de luanda livre
no aborto
de tuas pernas
incendiadas
de liberdade

1971

CÃO LATINO

para Julhareiz Correia

rubro lato
o fel latino
o chão latino
no céu latino

o cão que ladro
(dor/me leve)
baba baba lambe
a gorda gorda
hidrofóbica em mim

cão danado da
NAÇÃO americana
subindo andes
descendo vales
com faro na venta
e farol nos olhos

cão clorofilado
azulatente/mente
azul/acidentado
com pluro pulo
no so/levante

cão óxido/alado
pro/lixo ortodoxo
dog (auto) mático
em/fim/cão danado
latino americano

1970

RONDA DAS SEXTAS

com ser publicado
em revista ou jornal
(a prazo ou à vista)
com aplauso formal
do amigo esteta
da esquerda para a direita
nada foto/gênio
é na mesa
do Canequinha
para o inimigo do amigo
um psicossomático
fim de semana

é um corar o branco
invólucro do Djalma
e o ínvio/lucro
decorado das fichas
porque sempre no meio
da ronda das sextas
a temperatura é fogo
e é menos azinhavre
o limão com o conhaque

1970

PEQUENA CANÇÃO DE PAZ

(a eugene evtuschenko)

a bala do menino
a bala do homem

a bala bélica
a bala doce

uma multifária
a outra perdulária

as mesmas duas

c

o

r

r

e

n

d

o

mundo a fundo

washington
menphis

dallas
los angeles.

1970

POEMA PARA AMARINO MARTINS

ébano na boca e nariz
- mameluco ou cafuzo?
risco-lhe a alma em giz
- Luther King confuso

jogo-lhe em grosso melaço
e para minha aflição
escorre-lhe do espinhaço
um mel ainda em cortição

ponho-lhe de novo à prova:
foz de café na xícara
branca de porcelana?
- não, a luz ainda me engana

Dezembro, 1969

TRÊS MOMENTOS DO GATO

um gato
na prática
fez MIAAAU
e com tato
e tática
pulou
no muro
e unhou
a cara
da lua
o tempo
e o meu sono

um gato
no/turno
(no ato)
da noite
um gato
feito
e torturado
a bem
das pernas

feliz/ardo
com o gato
insone
e pardo
porque
"à noite
todos
os gatos
são pardos"

1969

VIAGEM/FRAGMENTO

numerosa fadiga
essa de que me construo
entre homens

esse estágio não termina?

esse asfalto aéreo
só tem sobre o globo
os meus pés?

vim sendo um solidário
nessa tarde
lavando as mãos em público
contando estórias
de poemas ao público

ah
e eu me conduzo disso Lucy:
de solidão
luas e aniversários.

Recife, 1968.

PRÁXIS & PAX

Granada
Na da
Nada
Nada
Nada

grãNADA
granAVE
Grana/DA
USA/DA
AMÉRICA
DO NORTE
Granada
Granada
Granada

Florindo
FloRINDO
FlorINDO
INDO
INDO
INDO
(DIA

bélica
MENTE)
AME/RICA
AME/RICA
AMÉRICA
AME/nos
(FOR US)
AME/os
VIET/names
VIET/names

TEMA E PROSA PARA UM CAVALO

o cavalo sabia as campinas
e o aço dos freios
tinha a distância nas patas
e cumpria a idade das Guerras

comia o couro dos arreios
e o cromo das horas

o comércio e a indústria
não sabia o cavalo quando ia
porque ele era o trote e o galope
feito nas campinas

o cavalo nunca soube os seus olhos
(olhos de boi) cansados e tristes
nunca soube também o poema
e a cor violeta

o cavalo me carregava às distâncias
e eu aprendia burocracia e poemas
e quando lhe tiraram a crina
e o rabo
o cavalo não se esgotou:
tinha os páreos ainda e as andanças

1966

CANTO ENTRE VIETNANS

a Audálio Alves

não sei porque poeta
ou homem assim de silêncio
(o grito aço na memória)
vim e sou para o visgo da canção
e o fumaçar de bombas

homem entre caspa e cápsulas

homem porque desse silêncio
me faço em tantos pedaços
me faço em nuvens que levam
a Da Nang e suas criancinhas

muito se foi de mim amigo
e dessas nossas criancinhas
tantas nas suas tranças
nas suas tranças louras de "napalm"

ah doces mães vietnamitas
aqui estou nos olhos de fuligem
André na sua roupinha de Batman
pisando as minhas horas
e as minhas palavras

Recife, 1967

PASSAPORTE

a Jaci Bezerra

secretários do governo
das alfândegas escuras
no fim dos vestibulos
dos aeroportos abotoados
de sistemas e segurança
das rodoviárias grossas
de fumo e diesel
venho de sobretudo e casaco
já vestido de estações
nenhuma pistola no bolso
além do cancerígeno cigarro
do conhaque e o fósforo
para acender o tempo
trago também um binóculo
no lugar do trancelim
o livro de bom volume
é do americano Neruda
para a minha cabeceira
de riscos e insônias
para não saber do destino
o meu passaporte vem assim
como a carteira do trabalho
cheirando a bojos e porões
e campos e cidades

1966

ATÍTULO

contra o tempo
lanço o meu grifo
grito pro/fundo
de palavra e atrito

grito lavado
e pronto e limpo
grito do garimpo
e homem armado

canto-amor alvo
(de povo e chão)
dessoldando-se
de sol dando-se

canto rurbano
e comuníssimo
porisso mais
de paz puríssimo

canção de re/
volta/da voz
onde falo em pé
de guerra e pós

1966

QUANDO PRECISO

1

se cal(o)vário
mais me faço
de sol diário
e de estilhaços

2

campo minado
me dou de estame
e/ou de frio arame
mais farpado

3

faço guerrilha
com canção
eu sou armadilha
de rama a chão

1966

LUÁTICA 2 E/OU CRÔNICA DO FUTURO

no meu bipartido sono
uma lua dorme comigo
uma lua alva e que mastigo
uma lua fruta lua sono

uma lua fixa e seu destrono
uma lua baixa ao meu umbigo
uma lua foice lua trigo
uma lua não minha - mas da ONU

uma lua calva lua alada
uma lua entre o seu sistema
uma lua pacificada

uma lua de inabandono
uma lua entre o meu poema
uma lua bigorna lua pano

1965

CANTO SEM CONTINUIDADE DE POSSE 2

Para Paulo Bruscky

não cantarei
aos manequins da vitrina
nem às estátuas
desolada das praças

essas nada vêem
e nada sentem

cantarei sim
às oficinas do mundo
às fábricas
fabricadas para o mundo
ao pardo camponês
de todo mundo
ao mais tísico
garçom do mundo

esses sim me verão
quando eu passar

o da bigorna me sacudirá
feita a foice
e o martelo para o malho
o do tear me esconderá
a sua camisa
o da agrária me cavará
da terra o fruto
o do hotel me entornará
a pequena cuba
esses sim me verão
quando eu passar

e me acenarão
do longo dos braços
os seus lenços de suor
quando eu passar

O HOMEM E A PONTE

ao autor de Deus e o Diabo na Terra do Sol

ponte riacho
solidão e ponte
embaixo o leito
cantou com o saibro
e algas
a passagem da vida
e do homem
olhou a túnica
desguarnecida
e o homem passou:
dedos noctâmbulos
voz presa à garganta
medo sustém à frente
(ainda como ontem)
em sangue
e sobre a ponte
banhou frente exangue
e enregelou os dedos
os olhos sonâmbulos
a túnica
e bebeu o leito
e empunhou sabre
e partiu do riacho da ponte
sozinho
quase só
mas com a solidão ainda
no peito duro
acobertado e enxuto
a atravessar outra ponte
do asfalto e luto

Recife, 1964

ATÍTULO

danação
da/ NAÇÃO
esse homem
em pro/CURA
e morrendo

danação
desse homem
em pro/VIDA
solidão:

Pedro Urbano
Diamundo
Brasileiro
da Luz Neto

de não ver dá
em verdade
ver a mão
doadá ao chão

DO DIDATISMO ÁSPERO

a Moacyr Cirne

1

Sol
vida
solvida

3

sol
ido
sólido

2

sol
luto
soluto

5

sol
idão
solidão

7

sol
dado
soldado

4

sol
e dó
sol-e-dó

6

sol
só
ó.

POEMA DO LÍDER ANÔNIMO

em (cor) de/
lírios
a tua pa/lavra
explo/dirá
de bombas
(bombons)
e em amarelo
das laranjas

e do ouro
do teu pó
sem guerra
(e ilhas)
ou "front"(e)iras

inver/teremos
perspectivas
de son(s)dados
trilhos

do ouro
do teu pó
e do amarelo
das laranjas

Recife, 1973

BERLIM POR VIA AÉREA

por mais rente
que seja o muro
ele sempre foi alto
e não deu passagem

veja o caso
da nosso Berlim
que vergonha
dela se levanta

1974

ATÍTULO 4

eu sou pa
lida/dor
com fusão
e com/por

de sol/os
olhos cor
de/fusão
pero lar

eu parto
sou parto
e parto
so/mando

o canto
com mando
além /e a mar
do/mando

Março/1974

POEMA À DATILÓGRAFA

à Maria do Carmo de Oliveira e Silva

no azul teclado
um rrrrrrrtatá corando
os teus dedos
de sangue e nuvens

nos dedálos
do duro ofício
es/cor/regando
esse salário
dor/sal salário

de pranto
e espanto

no teu sono verde
há esperanças cor de rosa
mas não há portas
há portarias
não há saída
há o ir e vir, gula
ah também a reticência
o travessão -
o retrocesso (da máquina?)
não há o cartão
de boas festas
há o cartão de ponto
não há a flor do jarro
há a ordem de serviço
do senhor diretor
não há na máquina
a carta perfumada
há a carta de/missão
no frio azul teclado

no quadro de aviso
e no quadro funcionário
és a guerrilheira pública
nesse rrrrrrrtatá
corando os teus dedos
de sangue e nuvens

CRÔNICA NUM QUADRO DE MARCOS CORDEIRO

disco Beatrix

2500674

a voz l(i)quida

a minha voz:

nos encontraremos

em córdoba

phnom penh

san tiago de cuba

las vegas

chicago

e com sadat

subiremos uma ponte

em florença

e assistiremos

borboletas

em frenesi

nos bosques de viena

strauss

se comportará

muito bem

(isso eu garanto)

bievenido Grande

o bigode maestro

entoará a nossa

rumba

em nossa festa

suburbana

nos carrosséis

da tua saia

mambos e lambadas

girarão girassóis

em torvelinho

no meu (nosso abismo)

ah lucho gatica

em nossa mesa

carlos gardel

haverá tango

como granada

mano a mano

para nós dois

BEATRIX BEATRIX

Recife, 1974

POEMA PARA CAROL

à Ana Carolina Albuquerque Carneiro Leão

aqui não era a Carol Baker da Broadway
que eu via surgindo de entre as papoulas
era Carol imensa e virgem de agonia
movendo neblinas no andar de graça e garça
talvez longes andorinhas dos beirais
pousem no teu sono de mulher e fada
talvez o meu verso jamais chegue a comover
Carol o teu canto displicente de banheiro
a comover tua prece espantando guerras
talvez eu nunca cante um verso Carol
que seja para tanto menos tonto e louco
para escorrer então dos seus lábios romãs

Recife, 15 de abril de 1974.

OFÍCIO

porque me faço
de pássaro
e noturno
para sonhar
 não durmo

e cada dia
menos áspero
tomo o rumo de mapas
e de navios
 sem rumos

1975

NA FEIRA

a vida
bipartida
nos gumes

(legumes
hortaliças
da vida)

saladas
em folhas
bolhas

da vida
a vida
comedida

em cores
na feira

CAPÍTULO

ó vário rastro
de incerteza
como nesse pasto
como nessa mesa

agora posta
ao meu lado
de sal/gados
e peixes postas

até quando
(a custo e acústico)
o meu poema lido
e meu este/lar

1975

SACRO OFÍCIO

este pulso éstilhaço o grito
na presa garganta do homem
em conflito e todo aflito
estipulo o largo abdômen
no varal de sol a sol a pino
pelo meu santo sacro ofício
de ser poeta e de vícios
de ser anarquista e cretino
morrendo em cada coração
pelo mais puro sacrifício
de levar lençóis de pães
e todo o sol do meu verão
para este laço e o meu grito
rural urbano branco e ébano

1976

ALGEMAS PROVISÓRIAS

à noite assalto colônias
e alfazemas
quebro grades de insônias
furto esquema

e de lençóis e fronhas
livre de algemas
provisório amo Sônia
e suas penas

Sônia revolucionária
que deixou
o violão pela guerrilha

a sociologia e apostilhas
pela flor
que trazia na mão agrária

1976

SOLO EM SOL

américa do sol
américa do sul
américa central
américas latindo
dos pulmões
sandinos
tupac amarus
montezumas
lamarcas
zapatas
e guevaras

américas ricas

subindo a lua
desce o sol
queimando virilhas
pentelhos
e relhos velhos
de couro cru

1976

ÂNGELA DINIZ

na praia dos Ossos
o meu pesar
e destroços
e Búzios
chorando comigo

Doca Street
não me comove
e nenhuma pedra
movo
dos meus ombros
e de um escombro
em Cabo Frio

1976

ANISTIA DE TEREZA

mais uma vez
Tereza
não a que se entregou
à mentira
de uma luta
que não aconteceu
mas a Tereza
dizendo tudo
amando tudo
Tereza aberta em flor
e espanto
trazendo no peito
a vontade
de nunca deixar
de ser o ramo
o rastro a rima
o rumo de tudo
que não acabará

1977

LIBERDADE

porque somos
meros bonecos
nesse manipular
de cinco mil dedos

onde articulados
e presos a nylon
absurdos dançamos
os nossos trejeitos?

qualquer dia desses
o pano de fundo sobe
e não cai jamais

porque serão abertas
todas as cenas
para todos os atos

1979

S. O. S.

ZAS
VUP
USA
&
CIA
USA
WAR
POS
PUS
&
NOT
PAZ

ROTEIRO TURÍSTICO

um cristo
de cimento
e ferro

armado

pausa
pousa
numa pose
dentro
da cidade
maravilhosa

um cristo
corcovado
de paixão

Pilatos ainda
lava as mãos
na bacia
da Guanabara

1977

OBSERVAÇÃO DE CULPA

os modestos
ou humilhados
comem sempre
do pasto
mais bruto
mas são deles
o sol mais limpo
e a água
sem danos

1978

POEMA DENTRO DA GARRAFA

Para Lucy-Ana Tobias

de véspera
deixo o poema
visto da ponte

à linha d'água
lavado e corrente
até o estuário
de amanhã

para o sol de praias
e escamas
e navios
de corais
e lendas
um dia na areia
Lucy-Ana
destampará
a garrafa e o grito
e com homens
e búzios
subirão à cidade

1978

MARQUÊS DE MARIBRANCA

à Ângelo Monteiro

um tanque de briga
verde-escuro aponta
com a boca escura
o país de Marilenda

de seu esconderijo
de avencas e malícias
(à margem mais oculta)
faz conteira noite e dia.

contaram ao tanque
de verde-escuro denso
que no Palácio D'aurora

do país de Marilenda
existia como governo
um poeta de rara renda

Recife, 1978

COTIDIÁRIO

a Edval Nunes (Cajá)

neste dado
instante
dominante
há gente
com prisão
de ventre
de ente
querido
há uma veia
sangrando
pra dentro
e outra
pra fora
há guelras
expostas
em postas
há guerras
(santas)
postas
às nossas
mesas
às nossas
costas
há crostas
há antolhos
elefantes
nos olhos
da gente
neste dado
instante
dominante

1978

CANÇÃO URBANA

da copa do mundo
pela cobertura do edifício
mais alto da cidade
(sem grave sacrifício)
Celestino gesticulou
coisas bonitas e sujas
chamou pela dita cuja
e depois despencou
bananas e o corpo
para a calçada e o povo
da avenida central

achava baixo o teto salarial
e alto o custo de vida
mordeu a linha de nível e do rumo
e pela lei da gravidade
atirou-se do fio de prumo

1978

DE PRISÕES

à Flávia Schilling

contei doze barras
de ferro
calculadas
em galvanizado
aço
mais quatro paredes
largas
de cimento armado

ainda de fora
homens de fuzis
e cartucheiras
guardavam
(a qualquer preço)
sentinela
à liberdade

1979

ESCALA EM DOR MENOR

de entre sarrafo e zinco
Brasilino puxava
maconha e sonhava
um dia quebrar o trinco

do Morro do Matumbo
abolir a gafeira
não encher a bananeira
de navalha e chumbo:

ia virar o distrito
e por melhor delito
ganhar a cidadania

de ser o mais forte
candidato do norte
à sina de trombadinha

1978

SETEMBRO BRANCO (1979)

vem camarada
e não olhes do regresso
o susto que ficou
dentro da cidade

no início do muro
um congresso de papoulas
te espera
e invade o portão
com a casa
e as varandas

vem e não chores
de súbito
as avencas
as costelas-de-adão
do teu irmão camponês

espera ainda a lua
de chapéu-de-couro
quebrada
na testa do céu -

mais do que vigas
e aldravas
é o tempo
calcário e lúcido

1979

POEMA BEM ÍNTIMO

minha mulher
com ironia
quando nasceu
não chorou
dormia:

não gosta
de poesia

seja dito
que até hoje
dorme
(ou fica muda)
quando cito
o enorme
NERUDA

poeta da casa
(e mesmo de fora)
pra ela não arde
nem faz milagre

A POESIA

se na curva
do remanso
ou de clara
correnteza
você fisga
o poema
não foi o anzol
o sinal
gráfico inter/
rogativo
nem a linha
foi o ponto
final
do verso
foi a linha
do horizonte
que se desatou

1979

SERVIÇO PÚBLICO

bem cedo
antes do carrasco
amanhecido
entrego o poema
e o casaco
já aquecidos
na cidade
ainda estou com fome
côo o homem
(o que deixou
pela sala
o meio da fala)

volto do fim
tarde
e do expediente
e ante grades
e algemas
anoitecido
abro o poema
e a porta da frente

1979

MANIFESTO/PÁGINA

depois do ABC
(se não for o caso)
você acaba
sabendo
que a palavra
é o alvo
e a mosca
o centro dela
e vice-versa

aí então
na linha hábil
do poema
você destina
(ou afina)
a amada
e o sistema

e aprende
que a palavra livre
é bomba
no ouvido
(e no delito
não implica em sangue)

é válvula
e se se escapa
é gás
ou petardo
em estampido
de consoantes
e vogais

1979

MÁRCIA MENDES

da janela do vídeo
ela (ao vivo)
noticiava
a vida e a morte
a partida do golf e o halters
o hipismo brasileiro
no seu estado mais forte
e fantástico

anunciava a esperança verde
empacotada do Delfim
e nos intervalos
pelos bastidores
e corre/dores
anistiava
as dores exiladas
das Das Dores e Dolores
afinando baixinho
a Senhora liberdade
para O Bêbado e o Equilibrista
do Bosco e Adir Blanc

agora do vídeo do óculo
eu te transmito Márcia
que o velho touro Idi Amim
apodrece-se nos cascos e cornos
e não-tão adiante
cai de cólica dinástica
o Somoza do Bunker
enquanto quatro sandinistas
em alcoólicas ginásticas berram:
Nos muchachos! Ellos aqui no entran!

sobre a nossa anistia
há fortes interferências aqui
nas imagens ainda fantasmas
apago o óculo de vídeo
te vejo amanhã no *tape*
boa noite

1979

POEMA CIVIL

os meus sapatos
sem meias
livres dos cadarços
e cuidados
não me ensinaram
o toque do silêncio
o marca passos
nem a ordinária marcha
a meia volta
a volta e meia volver

me ensinaram
(no campo de luta)
o levantar armas
nunca descansar

1979

RETRATO FALADO E/OU TEMA DE SAMBA PARA CHICO BUARQUE DE HOLANDA

você saiu por aí
de/vagar
competindo
com o carburador
e álcool
e bebeu e bebeu
falou pelos cotovelos
pelo calcanhar
enrolou-se
como novelo
desnorteou-se
enforcou-se
na sua larga dor
perdeu a cor
da noite
ganhou outra cor
ficou lusco
fosco
louco lúcido
e lívido de orgia
voltou de blenorragia
sem aliança no dedo
nem relógio no pulso
sem salário e calendário
com medo
do chiado no portão
do vão
do corredor
da mulher insone

com o seu sobrenome
e feliz como pensava
que era
e porque não era
pariu lágrimas
e bñlis
e se afogou
inteiro
no espaço do banheiro

MEMÓRIA PARA UM LÍDER

amanhã
dentro da hora
virão muitos
(sem medos)
entrelaçarem
os dedos
ensarilhá-lo
pela luta que não acabou

CAMPONÊS

nunca fui
à sauna
dos ricos
ou médios
sem calor
até agora
só tenho sido
a flora
escassa
do tédio
a fauna
do meu boi
morrendo
nos cascos

SEM TÍTULO

deponho em público
que o sol que invade
o escuro do meu poema
esplende do grito
de clarinetas e tambores
e convoca o claro
da manhã primeira
para os homens que sonham

depois disso tudo
(do que não foi dito
e feito de palavra)
sou apenas o galo
encantado do meu canto

ARABELA

uma bomba sobe
da minha cabeça
pelos cabelos
e explode
na sacada da cidade
sacode
tudo pelos ares
estoura represas
e diques
frios legumes
e frutas
invade patamares
e galerias
comportas
e torres elétricas
até o meu sítio
onde eu morava
e amava
todas às tardes
a nudez de Arabela

RELATO AGRÁRIO

à Silvio Bentzen

aqui poucos
cobram o direito
de sonhar
morre-se de luto
quando nasce
e a luta (a túnica)
é essa
desde o começo
pelo fio da vida
se vive com fios
de aranha na boca
nos interstícios
dos dentes
não há dentifrício
que subjugu
a cárie
porque ela já vem
de infância longe
e não há remédio
até agora

AS GUITARRAS

Réquiem para Ernesto Che Guevara

os pés sobre lanças
ele saiu benzendo trigais
trinoteando com sua guitarra
às vezes

às vezes sob céu de topázio
e luas de araruta
muito sabia de praias
e dunas livres
por isso sempre que ouvia
os búzios
e copiava a sede dos caracóis
sonhava lembranças
e margens por distâncias

só não cantava
ouvia os pássaros
assim vestia luvas
de inventada pelúcia
que faziam mais de azul
as tensas cordas da guitarra

só não sorria
sondava as águas
e então trazia nos olhos
a fímbria clara dos rios
acontecía que seus passos
eram tão leves e rentes
que assaltavam os encontros

rara às vezes à demanda
era que se apoiava a troncos
rinocerontes
aí se fazia
estátua opalescente
e ninava frutos e lagartos
que lhes vinham

sempre ia
e quando isso acontecia
jogavam – tranças dos trigais
apontavam-se mansos
os jacintos
lavavam-se claros os rios
por tudo isso era que tenazes
armavam-lhes as presas
rubores de estanho alcançavam-lhes
a camisa de fibras
a armadura
mas para o concerto geral
(às noites de carvão e relâmpagos)
viam-lhes nítidos escorpiões
rãs de fósforo e amianto
que comiam e bebiam
à sombra dos seus pelos

por tudo só não cantava
ouvia os pássaros
e se sonâmbulo
as margens todas eram planas
e as veredas vastas
trinoteava com a sua guitarra
só não sorria
mas vário era o seu lábio

um dia como nenhum outro
 de armadilhas e penumbras
 guitarras
 muitas guitarras
 tiveram tempo
 guitarras escuras violentas
 guitarras sonidas
 ratatatatatata
 & ratatatatatatatata
 pássaros lhe ouvindo
 cordilheiras
 choupanas
 veredas
 muitas veredas mais veredas
 as sombras andinas mais sombras
 guitarras somadas mais escuras
 somados coturnos
 guitarras
 muitas em vagens e casulos
 a cerca dos Andes estalando
 névoas
 antúrios
 begônias
 perneiras
 a lontra esquiva nadadora
 subindo o Yuro
 os Andes
 a sede do rio
 penumbrada
 mais veredas e espessas cordas
 o som da guitarra preso
 presas jitiranas
 presos tornozelos
 presa sombra
 o algodão das cordilheiras
 longe longe
 as toupeiras cavando a terra
 por debaixo dos coturnos

aves de rapina no céu em cruz
 tímpanos
 sons
 martelos
 sonidos
 simétricos

 galopando
 grito da guitarra no peito:

 (para o garimpeiro chumbo)
 o funil escorrendo o sangue vivo
 (da pérola nem a concha)
 fímbria de lua na camisa
 lua nova lua velha
 lua minguante
 lua concha
 e diadema
 esporas no chão e a cruz no céu
 esporas cortando o vento
 negros coturnos
 perneiras lisas
 espelhando a mata
 o verde da mata no Yuro
 o algodão das copas bebendo água
 como tudo das margens
 dentro do Yuro
 a estatura do guerrilheiro
 e a sua sombra
 esporas cortando a mata
 serrando os juncos
 os jacintos
 abrindo clareiras
 fechando armadilhas
 cadarços de jitiranas
 fímbria de luas na camisa
 de fibra e armadura
 fímbria de sol
 na cabeleira

a guitarra gritando no peito
o canto do rio e dos pássaros
a tarde fechando antúrios
a guitarra abrindo artérias
com suas cordas luminosas

ah
o dorso do homem subjugado
na linha do mapa boliviano
o pescoço das colinas
no Yuro
rolando pedras e escamas
a coleante selva renascida
raiz pela raiz
de copa à copa
metamorfoseada
simbiose
assim o humo futuro
dos Andes à flor do rio Yuro

América do Sul, 1969

CANÇÃO PARA GAL

aqui estou Gal
americano do sul
poeta cantando
na tua garganta:

à paz nos teus olhos
à fúria *hippie*
dos teus cabelos
americanos do sul

aqui estou Gal
em *dó* e em *ré* e só
na minha cantiga
de/ária e sons

o poema impresso
nas digitais(nas mãos)
pautas/labirinto
para o seu canto

aqui estou Gal
na geral da sala
janela aberta
para o teu vídeo:

espectador vários
da telefoto em chamadas
do urgente teletipo
anunciando o laser

ÍNDICE

Nota biobibliográfica.....	5
Prefácio.....	7
Flashes de uma revolução sem balas	11
Carta um.....	16
Carta dois	17
Carta três.....	18
Carta quatro.....	19
Carta cinco	20
Carta seis (de Marilu).....	21
Carta sete (uma data)	22
Carta oito.....	23
Carta nove (sátira do siri)	24
Carta dez	25
Carta onze (outra data)	26
Carta doze (mais um data)	27
Oração para Leila Diniz	28
Luática	29
Comunicação.....	30
PRE/fixo/ Internacional (sem ônus)	31
Poema olhando uma bandeira.....	32
Antelegiatômica	33
Epígrafe	34
Ofélia Negra	35
Cão latino	36
Ronda das sextas.....	37
Pequena canção de paz	38
Poema para Amarino Martins	39
Três momentos do gato.....	40
Viagem / fragmento.....	41
Práxis & Pax.....	42
Tema e prosa para um cavalo	43
Canto entre vietnans	44
Passaporte.....	45
Atítulo.....	46
Quando preciso	47
Luática 2 e / ou Crônica do futuro.....	48

Canto sem continuidade de posse.....	49
O homem e a ponte.....	51
Atítulo.....	52
Do didatismo áspero.....	53
Poema do líder anônimo.....	55
Berlim por via aérea.....	56
Atítulo 4.....	57
Poema à datilógrafa.....	58
Crônica num quadro de Marcos Cordeiro.....	60
Poemas para Carol.....	62
Ofício.....	63
Na feira.....	64
Capítulo.....	65
Sacro ofício.....	66
Algemas provisórias.....	67
Solo em sol.....	68
Ângela Diniz.....	69
Anistia de Tereza.....	70
Liberdade.....	71
S.O.S.....	72
Roteiro turístico.....	73
Observação de culpa.....	74
Poema dentro da garrafa.....	75
Marquês de Maribranca.....	76
Cotidiano.....	77
Canção urbana.....	78
De prisões.....	79
Escala em dor menor.....	80
Setembro branco.....	81
Poema bem íntimo.....	82
A poesia.....	83
Serviço público.....	84
Manifesto/página.....	85
Márcia Mendes.....	86
Poema civil.....	88
Retrato falado e/ou tema para Chico Buarque de Holanda.....	89
Memória para um líder.....	91
Camponês.....	92

Sem título.....	93
Arabela.....	94
Relato agrário.....	95
As guitarras.....	96
Canção para Gal.....	101